Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

ANÁLISE SEMIÓTICA DO FILME TITANIC: uma jornada emocional através dos signos e símbolos

SEMIOTIC ANALYSIS OF THE FILM TITANIC: An Emotional Journey Through Signs and Symbols

Lucas Schaffhauser Carvalho[1]
Ricardo Jose Sartor[2]

RESUMO

O filme Titanic, dirigido por James Cameron, foi analisado semioticamente com o objetivo de desvendar os significados profundos e multifacetados presentes em sua narrativa. Utilizando metodologias de análise semiótica, esse estudo examinou cenas selecionadas e tem por objetivos revelar como símbolos, ícones e metáforas visuais são usados para transmitir significados complexos. Por exemplo, a entrada de Rose no Titanic, acompanhada pelo soar da buzina, e a cena final onde ela joga o Coração do Oceano no mar, estão carregadas de simbolismos que remetem à opressão, liberdade, amor e perda. Os resultados indicam que a semiótica oferece uma lente eficaz para compreender a profundidade da obra, revelando mensagens subjacentes sobre amor, classe social, destino e a condição humana.

Palavras-chave: cinema; semiótica; ciência; interacionismo; linguagem.

ABSTRACT

The film Titanic, directed by James Cameron, was semiotically analyzed to uncover the deep and multifaceted meanings present in its narrative. Using semiotic analysis methodologies, this study examined selected scenes and aimed to reveal how symbols, icons, and visual metaphors are used to convey complex meanings. For example, Rose's entry into the Titanic, accompanied by the sound of the horn, and the final scene where she throws the Heart of the Ocean into the sea, are loaded with symbolism that refers to oppression, freedom, love, and loss. The results indicate that semiotics offers an effective lens for understanding the depth of the work, revealing underlying messages about love, social class, destiny, and the human condition.

Keywords: cinema; semiotics; science; interactionism; language.

Data de submissão do artigo: 03/02/2025.
Data de aprovação do artigo: 17/04/2025.
DOI: 10.52138/citec.v17i01.413

1 INTRODUÇÃO

O naufrágio do Titanic em 1912 marcou a história como um símbolo trágico da arrogância humana diante das forças da natureza. Esse evento não apenas destacou as limitações tecnológicas da época, mas, também, revelou profundas questões sociais e humanas. Em 1997,

[1] Tecnólogo em Marketing. E-mail: lucas.carvalho66@fatec.sp.gov.br
[2] Professor Mestre de Fatecs e Etecs pelo Centro Paula Souza. E-mail: ricardo.sartor@fatec.sp.gov.br

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

o diretor James Cameron reavivou essa tragédia com seu filme "Titanic", tecendo uma narrativa que transcende o mero entretenimento para se consagrar como um marco na história do cinema.

A semiótica, definida por Santaella (2003, p.15) como "a ciência que estuda os signos, ou seja, tudo aquilo que pode ser utilizado para comunicar algo a alguém", é fundamental para compreender como o cinema constrói suas narrativas. No caso de "Titanic", os signos manifestam-se de diversas formas: imagens, sons, palavras, cenários, figurinos, entre outros. Através da análise desses elementos, busca-se revelar os significados que Cameron pretende transmitir ao espectador.

Peirce (1872) oferece uma base teórica crucial ao dividir os signos em três categorias: símbolo, ícone e índice. O símbolo é um signo sem relação natural com seu referente, como a palavra "cão", que não se parece com o animal real. O ícone, por outro lado, possui uma semelhança natural com seu referente, como uma fotografia de um cão. Já o índice possui uma relação de contiguidade com seu referente, como a fumaça que indica a presença de fogo. Essa classificação permite uma análise detalhada dos diferentes tipos de signos presentes no filme.

Eco (1976) complementa essa perspectiva de Peirce (1872) ao argumentar que a obra de arte é um sistema de signos interpretáveis de diversas maneiras. Segundo ele, o leitor/espectador é um coautor da obra, contribuindo com sua própria bagagem cultural e experiências para a construção do significado. Essa interação ativa do espectador é essencial para entender como "Titanic" ressoa de formas diferentes em públicos variados.

Barthes (1964) introduz o conceito de "mitologia", referindo-se ao sistema de signos que a cultura utiliza para construir significados. Segundo o autor, o mito é um discurso naturalizado que esconde a verdadeira natureza das coisas. Desvendar os mitos presentes no filme "Titanic" permite uma compreensão mais profunda de como a obra reflete e questiona a ideologia da sociedade em que foi produzida.

Metz (1975), por sua vez, foca na "instância do espectador" ao analisar o cinema. Para o autor, o espectador é um *voyeur* passivo na observação da narrativa, mas, também, ativo na construção do significado da obra, utilizando seus próprios códigos e conhecimentos. Essa dualidade é crucial para compreender como "Titanic" impacta emocional e intelectualmente seu público.

Ao analisar "Titanic" sob a ótica da semiótica, identifica-se como os diversos signos presentes na obra se articulam para construir uma narrativa complexa e envolvente. Esse estudo busca desvendar os significados e simbolismos do filme, demonstrando como a semiótica contribui para uma compreensão profunda da obra.

Os objetivos do estudo são identificar e analisar os signos presentes no filme "Titanic" de James Cameron, compreender como esses signos se articulam para construir a narrativa, explorar os significados profundos e multifacetados que abordam temas universais como amor, perda, classe social e destino, e demonstrar como a semiótica contribui para uma compreensão mais rica e complexa da obra cinematográfica.

O problema central que motivou este estudo é a necessidade de entender como os elementos semióticos no cinema podem enriquecer a narrativa e impactar a experiência do espectador e no caso do filme "Titanic", oferecer uma nova perspectiva sobre a tragédia histórica.

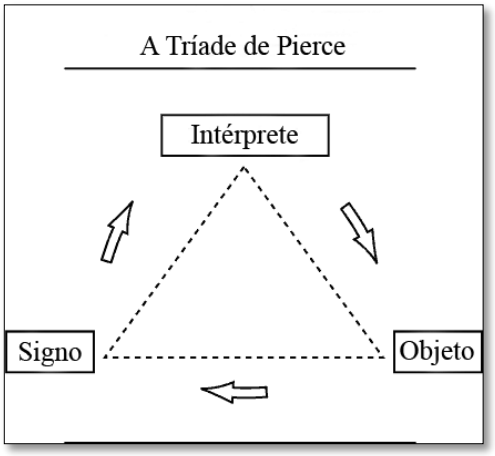
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A semiótica, enquanto ciência dos signos e sistemas de significação, oferece ferramentas valiosas para analisar a construção de sentidos em diversas formas de expressão, incluindo o cinema. Autores como Umberto Eco, Roland Barthes, Christian Metz, Lucia Santaella e Charles

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

Sanders Peirce contribuíram significativamente para o desenvolvimento da semiótica do cinema, explorando como os elementos visuais, sonoros e narrativos constroem significados e comunicam mensagens complexas. Por exemplo, Peirce (1872, p. 25). propôs uma teoria dos signos que os divide em três categorias: símbolo, ícone e índice.

Figura 1 – Tríade de Peirce



Fonte: Brennand *et al.* (2007)

A Tríade de Peirce (Figura 1) é um sistema de interpretação dos signos proposto pelo americano Charles S. Peirce, que permite compreender a relação entre a interpretação, o objeto e o signo que o representa" (Brennand, Edna; Brennand, Eládio, 2007), destacando a importância do processo interpretativo na construção do significado. No cinema, a Tríade Semiótica de Charles S. Peirce pode ser aplicada para analisar como os filmes comunicam significados através de signos. O sistema de Peirce envolve três componentes principais: o signo, o objeto e o intérprete. No contexto cinematográfico, esses elementos se manifestam da seguinte maneira:

O Signo (Representamen[3]): No cinema, o signo é qualquer imagem, som, ou símbolo usado no filme. Isso pode incluir a cinematografia, o design de produção, os diálogos, a música, entre outros elementos visuais e auditivos.

O Objeto: Este é o referente ou aquilo que o signo representa. Por exemplo, uma cena de uma bandeira pode representar um país, uma ideia de patriotismo, ou um estado emocional específico.

O Intérprete: Esta é a interpretação ou o significado atribuído pelo espectador ao signo. No cinema, o intérprete é crucial, pois cada espectador pode interpretar signos de maneira diferente com base em suas próprias experiências, conhecimento cultural, e contexto pessoal.

A Tríade Semiótica, conforme proposta de Peirce (1897) e explorada por Santaella (2003), permite uma análise profunda de como os elementos cinematográficos se combinam para criar significados e evocar emoções. Por exemplo, um close-up (signo) de um personagem chorando (objeto) pode ser interpretado como um momento de vulnerabilidade ou tristeza (intérprete). O diretor utiliza diversos signos visuais e auditivos para orientar a interpretação do público, criando camadas de significado que enriquecem a narrativa.

[3] Representamen: no contexto da Tríade Semiótica de Charles S. Peirce, o representamen é o componente que atua como o "signo" ou "representante" que transmite a informação ou significado. No cinema, o representamen pode ser entendido como qualquer elemento visual, auditivo ou narrativo que comunica algo ao espectador.

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

A análise semiótica permite descobrir os mecanismos que constroem a narrativa e revelar as mensagens subjacentes da obra. Ao desconstruir os signos e símbolos presentes no filme, pode-se identificar camadas mais profundas de significado e entender melhor a intenção do diretor, proporcionando uma visão mais rica e detalhada da obra cinematográfica. A semiótica do cinema oferece diferentes níveis de análise para desvendar os mecanismos de produção de sentidos nos filmes. Pode-se destacar:

- Análise Narrativa: Explora a estrutura da história contada no filme, como a organização dos eventos, a construção dos personagens e o desenvolvimento da trama. Metz (1980) argumenta que o cinema narrativo é um sistema de signos que organiza a experiência em uma lógica acessível ao espectador.
- Análise Discursiva: Examinar a linguagem utilizada no filme, tanto nos diálogos quanto nos elementos visuais e sonoros, para identificar como os significados são construídos e transmitidos. Barthes (1971) sugere que os signos cinematográficos carregam códigos culturais que moldam o discurso da obra.
- Análise Estilística: Investiga os elementos formais do filme, como a cinematografia, a edição, a *mise-en-scène* e o uso do som, para compreender como o diretor constrói sua visão estética e comunica sua mensagem.
- Análise Ideológica: Desvenda as mensagens ideológicas presentes no filme, identificando valores, crenças e perspectivas que estão sendo transmitidas ao espectador.

A sétima arte, em toda a sua riqueza e complexidade, se abre para uma nova dimensão quando evidenciada sob a lente da semiótica. Essa ciência dos signos, definida por Peirce (1897) e revisitada por Santaella (2003), nos convida a ir além da mera fruição da narrativa, descortinando as camadas mais profundas de significado que se entrelaçam na trama. Através da semiótica, somos capazes de identificar os elementos que constroem a linguagem cinematográfica, desde os elementos visuais e sonoros até os códigos narrativos e simbólicos.

Com esse arsenal de ferramentas analíticas, detecta-se desvendar as sutilezas dos signos presentes na tela, revelando as mensagens subjacentes que o diretor cuidadosamente entretece na obra. A paleta de cores, a composição dos enquadramentos, o ritmo da montagem, a escolha da trilha sonora, cada elemento se torna peça fundamental na construção do significado, revelando a visão de mundo do cineasta e convidando o espectador para uma jornada de reflexão e interpretação. Eco (1976) destaca que os signos no cinema funcionam como sistemas abertos, permitindo múltiplas leituras conforme o contexto do espectador.

Ao mergulharmos na semiótica do cinema, não apenas apreciamos a maestria técnica e artística do diretor, mas também desenvolvemos um olhar crítico e reflexivo sobre a obra. Procure se questionar as mensagens escondidas no filme, construindo uma interpretação própria daquilo que se vê e ouve. Essa postura ativa faz com que os espectadores se tornem mais conscientes e engajados, capazes de tecer conexões entre a ficção cinematográfica e a realidade que os cerca. Para Eco (1976), o espectador ativo participa da cocriação de sentidos ao interpretar os signos apresentados.

Em suma, a semiótica se configura como uma ferramenta essencial para aqueles que desejam desvendar os segredos do cinema e extrair o máximo de sua experiência estética. Através dessa análise profunda e minuciosa, como propõe Barthes (1971), somos capazes de transcender a mera passividade e nos tornaremos cocriadores de significado, tecendo nossa própria narrativa a partir de fragmentos que a tela nos apresenta.

Embora haja concordância entre os autores (Eco, 1976; Barthes, 1971; Metz, 1980; Santaella, 2003) sobre a importância dos signos e suas interpretações, há discordâncias notáveis:

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

Eco (1976) e Barthes (1964) concordam sobre a polissemia, mas divergem na ênfase dada ao contexto social e cultural. Barthes (1964) vê os signos como construções sociais que perpetuam ideologias, enquanto Eco (1976) destaca a multiplicidade de interpretações individuais.

Metz (1980) e Santaella (2003) abordam a visão de que o cinema é uma linguagem, mas o primeiro autor foca na sintaxe, enquanto a segunda aplica a teoria de Peirce para uma classificação mais detalhada dos signos.

3 METODOLOGIA

Esse trabalho utilizou como método a revisão de literatura dos principais autores que trataram sobre o tema e para atingir os objetivos da análise fílmica baseada na semiótica, propôs-se seguir algumas etapas. Primeiramente, foi realizada uma análise das cenas selecionadas com base em sua relevância para a narrativa e na capacidade de representar os principais temas do filme. As cenas analisadas incluíram momentos-chave como a entrada de Rose no Titanic e a cena final onde ela joga o Coração do Oceano no mar, escolhidas por sua carga simbólica e pelo potencial de revelar significados profundos.

A segunda etapa envolveu a análise semiótica subdividida conforme proposto por Eco (1976), Barthes (1971), e Metz (1980) em: análise dos elementos visuais (iconografia, metáforas visuais e simbologia) e análise dos elementos sonoros (trilha sonora, efeitos sonoros e diálogos).

Ferramentas como quadros de análises, mapas conceituais e anotações elaboradas foram utilizadas para organizar o processo e seus resultados, garantindo uma abordagem sistemática e aprofundada na interpretação dos signos cinematográficos. A aplicação dessas ferramentas metodológicas garantiu um estudo estruturado e fundamentado, facilitando a organização dos dados encontrados e aprimorando a análise dos sinais presentes no filme. Assim, foi possível aprofundar a compreensão das camadas de significado construídas pela linguagem cinematográfica, revelando as estratégias narrativas e simbólicas empregadas na obra

3.1 Abordagem qualitativa

A abordagem metodológica adotada neste estudo é predominantemente qualitativa. A análise qualitativa permite uma exploração profunda e detalhada dos elementos semióticos presentes no filme "Titanic", possibilitando uma compreensão mais rica dos significados e simbolismos. A semiótica, enquanto ciência dos signos e sistemas de significação, oferece uma lente teórica apropriada para a análise dos elementos visuais, sonoros e narrativos do filme, permitindo desvendar as camadas mais complexas de significado que compõem a narrativa. Assim como (Santaella, 2003, p. 10) afirma

> enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes...Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem.

3.2 Seleção das cenas

A seleção das cenas para análise foi realizada com base em critérios técnicos que consideram a relevância narrativa e a carga simbólica dos momentos escolhidos. As cenas selecionadas incluem momentos-chave da história:

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

- Entrada de Rose no Titanic: cena significativa pelo uso de símbolos como a buzina do navio e a vestimenta de Rose, que representam a opressão e o início de sua jornada.
- Cena final com o Coração do Oceano: O ato de Rose jogar o Coração do Oceano no mar é carregado de simbolismo, remetendo à liberdade, amor perdido e resolução.
- Cena da Escadaria: O encontro de Jack e Rose na escadaria representa a união e a superação das barreiras da classe social.

Essas cenas foram escolhidas por sua capacidade de encapsular os principais temas do filme e sua riqueza em elementos semióticos. Conforme Penafria (2009), a análise fílmica diz respeito ao processo de decomposição de um filme. Para Aumont (2004 *apud* Rabelo; Santos; Borges, 2019, p. 3), "o objetivo da análise é apreciar melhor a obra ao compreendê-la melhor".

3.3 Análise semiótica

A análise semiótica foi realizada utilizando conceitos fundamentais da teoria semiótica, como os propostos por Eco (1976), Barthes (1971) e Metz (1980).

Os elementos visuais do filme foram analisados considerando aspectos como iconografia, metáforas visuais e simbologia. A iconografia refere-se ao estudo dos ícones e símbolos visuais utilizados na narrativa, enquanto a metáfora visual examina como imagens específicas são utilizadas para representar conceitos abstratos. A simbologia, por sua vez, envolve a interpretação dos símbolos e suas significações culturais e emocionais.

A análise dos elementos sonoros incluiu a trilha sonora, os efeitos sonoros e os diálogos. A trilha sonora foi examinada quanto ao seu papel em criar a atmosfera emocional e reforçar os temas da narrativa. Os efeitos sonoros foram analisados em termos de como contribuem para a construção do ambiente e a intensidade emocional das cenas. Os diálogos foram analisados para identificar a linguagem e as interações que revelam as motivações e os conflitos dos personagens.

4 ANÁLISE DAS CENAS

Nesta seção exploramos cenas-chave que exemplificam o uso da semiótica no filme, demonstrando como os elementos cinematográficos são empregados para transmitir significados complexos. A seleção das cenas foi baseada na relevância para a narrativa e na carga simbólica dos momentos escolhidos.

4.1. A entrada de Rose no Titanic: uma jornada simbólica

Imagem 1 – Rose entrando no Titanic



Fonte: Titanic (1997)

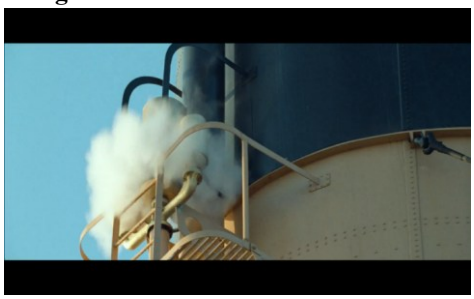
Imagem 2 – Rose entrando no Titanic



Fonte: Titanic (1997)

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

Imagem 3 –Soar Buzina



Fonte: Titanic (1997)

A cena da entrada de Rose no Titanic (Imagem 1) é um momento crucial da narrativa, marcando o início de sua jornada em um mundo de opulência e regras sociais rígidas. A grandiosidade do navio, com seus corredores luxuosos e personagens pomposos, contrasta com a simplicidade e a alma livre de Rose, simbolizando a opressão e a busca por liberdade que permeiam a história.

A buzina do navio, que soa simultaneamente à entrada de Rose (Imagem 3), pode ser interpretada como um símbolo de opressão e controle. Em contraste, a luz dourada que inunda a sala representa a riqueza e o luxo do mundo que ela está adentrando. A música clássica ao fundo contribui para a atmosfera de opulência e grandiosidade. As notas suaves da orquestra criam um contraste com o barulho das conversas e passos dos personagens, ressaltando o isolamento de Rose em meio à multidão.

Durante essa cena, Rose expressa seu sentimento de sufocamento e desesperança ao afirmar: "Era o navio dos sonhos para todos os outros, para mim era um navio de escravos, me levando acorrentada de volta à América. Por fora eu era tudo que uma garota bem-educada deveria ser, por dentro eu estava gritando!" (Imagem 1). Esta fala é central para a compreensão do estado psicológico de Rose. A imagem de Cal segurando o braço de Rose (Imagem 2) reforça visualmente a metáfora da escravidão e da falta de liberdade.

Palavras e imagens, destacam o profundo conflito interno de Rose. Embora aparente ser uma jovem refinada e obediente, seu espírito clama por liberdade. A buzina do navio soando é como se fosse o grito que Rose está sufocando dentro dela, a buzina tem um som muito profundo, reforçando o sentimento de aprisionamento e controle que Rose sente ao embarcar em sua jornada no Titanic.

Metz (1980) argumenta que o som no cinema é um poderoso meio de significação, complementando e enriquecendo a narrativa visual.

Conforme as ideias de Eco (1976), o cinema constitui um campo semiótico complexo, em que os elementos visuais atuam como signos a serem decifrados. Nesse sentido, a entrada de Rose no Titanic pode ser vista como um conjunto de signos visuais que transmitem significados simbólicos sobre sua jornada emocional e os conflitos sociais presentes na narrativa.

4.2 O Coração do Oceano: um símbolo de amor eterno

A cena final, onde Rose joga o Coração do Oceano nas profundezas do mar (Imagem 4), é carregada de simbolismo e emoção. A joia, símbolo de riqueza material e do "coração do mar" que a Alta Sociedade tanto almejava, torna-se irrelevante diante da imensidão do oceano, representando a fragilidade da vida e a eternidade do sentimento que uniu Jack e Rose.

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

Imagem 4 –Coração do Oceano



Fonte: Titanic (1997)

Imagem 5 –Quadros



Fonte: Titanic (1997)

Imagem 6 – Rose chegando na escadaria



Fonte: Titanic (1997)

Ao jogar o Coração do Oceano no mar, Rose demonstra que o amor verdadeiro transcende a morte e as barreiras materiais. O oceano, símbolo do infinito e da eternidade, guarda a lembrança do amor de Jack, que permanece vivo na memória de Rose.

A luz do amanhecer que surge no horizonte simboliza o renascimento de Rose, que emerge do trauma da tragédia com a força do amor em seu coração. A câmera foca em seu rosto sereno e confiante, sugerindo que, apesar da perda, ela carrega consigo a lembrança de Jack e a coragem de seguir em frente.

4.3 Morte de Rose e a simbologia da escadaria: análise da cena final de Titanic

A emblemática cena em que Rose é recebida por todos aqueles que morreram no naufrágio (imagem 6), é um momento crucial tanto para a narrativa quanto para a construção de significados no filme. Essa cena não apenas reafirma a sobrevivência de Rose como também oferece uma reflexão profunda sobre memória, identidade e mortalidade.

Inicialmente, somos apresentados à cena do naufrágio do Titanic. Após uma vida longa e plena, Rose morre e é recebida em uma versão do Grande Salão do navio, que se enche de pessoas que morreram naquela noite trágica. Esta sequência é apresentada como uma espécie de visão ou sonho, criando um contraste poderoso entre a morte física de Rose e sua vida após o naufrágio.

Os quadros na cômoda (Imagem 5), que mostram os eventos da vida de Rose após o Titanic, funcionam como uma confirmação visual de sua existência além daquele momento histórico. Eles ilustram momentos significativos de sua vida, desde sua carreira como atriz até sua vida familiar, revelando que ela não apenas sobreviveu, mas prosperou, como Jack disse a ela depois do naufrágio. Esta montagem de quadros é crucial para o simbolismo da cena, destacando a passagem do tempo e a continuidade da vida de Rose.

Do ponto de vista analítico, essa cena é um exemplo de como o diretor James Cameron utiliza o simbolismo visual e o espaço cinematográfico para explorar temas profundos de vida,

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

morte e memória. A escolha de situar esta cena após a morte de Rose permite que o espectador reflita sobre a mortalidade e a perda, ao mesmo tempo em que celebra a vida e a resiliência da personagem.

A escadaria do Titanic, que foi palco de muitos momentos cruciais do filme, aqui serve como um lugar de união espiritual e transcendência. A presença dos quadros reforça a ideia de que a história de Rose não terminou com o naufrágio, mas continuou a se desdobrar ao longo de uma vida inteira. Esses elementos semióticos não apenas intensificam a narrativa emocional do filme, mas também reforçam os temas de resiliência e transcendência pessoal, evidenciando como os signos e símbolos visuais podem enriquecer a compreensão e a apreciação de uma obra cinematográfica.

Em suma, a cena da recepção de Rose no final de "Titanic" não é apenas um momento emotivo e visualmente impressionante, mas também um ponto crucial para a compreensão mais profunda das mensagens do filme sobre amor, sobrevivência e lembrança.

A análise semiótica revela que os significados ocultos em Titanic são habilmente construídos através de uma combinação de signos visuais e narrativos. Barthes (1971) e Eco (1976) destacam que a interpretação dos signos é uma experiência subjetiva permitindo que diferentes espectadores percebam diferentes camadas de significado.

A interação entre os personagens e seus ambientes reforçam os temas de amor e sacrifício, conforme discutido por Aumont (2004). A análise dos gestos e expressões faciais dos personagens, como os olhares de Rose e Jack, revelam camadas ocultas de significado e emoção, enriquecendo a experiência do espectador.

A presença constante da água em Titanic é um elemento central na construção de significado. Conforme Peirce (1872), a água é um signo multifacetado, representando purificação, transformação e morte. Em Titanic, a água desempenha um papel crucial em várias cenas-chave, desde o iceberg até a cena final com o Coração do Oceano, simbolizando a dualidade da vida e da morte, da perda e do renascimento.

A análise semiótica das cenas selecionadas revela como o filme Titanic utiliza habilmente signos e símbolos para transmitir mensagens complexas e multifacetadas. Os elementos visuais, sonoros e narrativos se combinam para criar uma experiência emocionalmente envolvente para o espectador. Vale ressaltar que a interpretação dos símbolos em uma obra de arte é sempre aberta à subjetividade e pode variar de acordo com a perspectiva de cada indivíduo.

4.4. Amor e liberdade: rompendo barreiras sociais

O tema do amor é central em Titanic e se destaca através da relação entre Jack e Rose. Seu romance desafia as rígidas barreiras impostas pela classe social. Jack, vindo da terceira classe, representa a liberdade e a espontaneidade, enquanto Rose, aprisionada em um destino imposto pela alta sociedade, anseia por romper com as convenções.

A cena do baile exemplifica a busca de Rose pela liberdade. A música alegre, a dança descontraída e as conversas leves com Jack a libertam temporariamente do peso das expectativas sociais. O olhar desafiador de Rose ao aceitar o convite para dançar com Jack simboliza sua rebeldia e sua vontade de vivenciar um mundo além das regras impostas pela família.

A tragédia do naufrágio serve como um catalisador para a consolidação do amor entre Jack e Rose. Em face da morte iminente, as diferenças sociais perdem importância. A cena em que Jack cede a boia salva-vidas para Rose transcende o romantismo puro e representa um amor altruísta e sacrificial.

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

4.5. Classe social: um reflexo da realidade histórica

O filme Titanic retrata com fidelidade a estratificação social da época. A divisão do navio em classes separadas reflete a realidade histórica. A primeira classe é representada por luxo e privilégios, enquanto a terceira classe é caracterizada pela pobreza e pela falta de oportunidades.

A cena da entrada de Rose no navio reforça a distinção de classes. A câmera foca na grandiosidade da primeira classe, contrastando com a simplicidade do mundo de Rose antes de embarcar. A roupa formal que ela veste para o jantar destaca sua tentativa de se encaixar em um mundo que não lhe pertence.

A relação entre Rose e Cal Hockley, o noivo, também reflete a importância da classe social na narrativa. Cal representa o poder e o status, mas seu amor por Rose é superficial e baseado em posses. O contraste entre Cal e Jack evidencia a busca de Rose por um amor genuíno e baseado em emoção e conexão real.

Apesar de retratar a rigidez da hierarquia social, o filme também apresenta personagens que transcendem as classes. A amizade entre Rose e Ruth, uma passageira da primeira classe, demonstra a possibilidade de conexão humana genuína, independentemente da posição social. Da mesma forma, a coragem e a gentileza de Jack, um passageiro da terceira classe, contrastam com a arrogância e a covardia de Cal, evidenciando que a nobreza de caráter não está ligada à riqueza material.

4.6. Destino e livre-arbítrio: uma jornada de autoconhecimento

O filme Titanic suscita reflexões sobre o destino e o livre-arbítrio. O naufrágio pode ser interpretado como uma tragédia predeterminada, um evento que redefine o curso da vida dos personagens. No entanto, a narrativa também sugere a possibilidade de escolha e autoconhecimento.

Rose, ao longo do filme, demonstra uma crescente insatisfação com o destino que lhe é imposto. Seu encontro com Jack a leva a questionar as expectativas da alta sociedade e a buscar um caminho próprio. Embora o naufrágio seja um evento trágico e imprevisível, Rose emerge da experiência transformada, tendo aprendido a lutar por seus sonhos e a defender seus valores. A cena final, onde Rose joga o Coração do Oceano no mar, pode ser interpretada como um ato de libertação do destino imposto. Ao se desfazer da joia, símbolo de sua vida anterior, Rose demonstra sua decisão de seguir em frente e construir um novo futuro.

4.7. A universalidade dos sentimentos: uma jornada emocional

O filme Titanic transcende a história de amor e se consagra como um drama universal. Através da narrativa, o espectador vivencia uma jornada emocional marcada pelo amor, a perda, a esperança e a luta contra a adversidade.

A utilização de símbolos e elementos narrativos acessíveis a um público amplo contribui para a universalidade da obra. O amor entre Jack e Rose, apesar de se desenvolver em um contexto histórico específico, representa um sentimento atemporal e reconhecível por todos. O naufrágio, por sua vez, simboliza a fragilidade da vida e a imprevisibilidade do destino, temas que despertam a reflexão e a identificação do espectador.

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme Titanic se consagra como uma obra cinematográfica de grande impacto cultural e emocional. A análise semiótica revela a riqueza de seus simbolismos e significados, contribuindo para uma compreensão mais profunda da mensagem que o diretor pretende transmitir. Ao desvendar os mecanismos semióticos que constroem a narrativa, percebe-se como o filme convida o expectador a uma jornada emocional, explorando as nuances do amor, da luta contra as convenções sociais e da condição humana.

A análise semiótica de Titanic demonstra como James Cameron utiliza uma rica tapeçaria de signos e símbolos para construir uma narrativa emocional e temática complexa. Através de uma análise detalhada dos elementos visuais, auditivos e narrativos, podemos desvelar as camadas de significado que tornam o filme uma obra cinematográfica tão impactante.

A aplicação da semiótica ao cinema, conforme teorizada por autores como Barthes, Eco, e Peirce, revela como os signos e símbolos em Titanic comunicam mensagens profundas sobre amor, perda, liberdade e a efemeridade da vida. Esta análise não apenas enriquece nossa compreensão de Titanic, mas também ilustra o poder da semiótica em explorar as profundezas do significado cinematográfico.

Como em qualquer estudo qualitativo, existem limitações a serem reconhecidas. Embora este estudo tenha proporcionado uma análise detalhada dos signos e símbolos presentes em Titanic, algumas limitações devem ser reconhecidas:

Subjetividade na Interpretação: a interpretação semiótica é, por natureza, subjetiva e pode variar conforme o analista. Apesar de seguir uma metodologia rigorosa, as percepções e experiências pessoais dos pesquisadores influenciam a análise.

Seleção das Cenas: a escolha das cenas focou em momentos específicos que se destacam pela sua carga simbólica. No entanto, essa seleção pode não abranger todos os aspectos significativos do filme. Outras cenas podem conter elementos igualmente importantes que não foram considerados nesta análise.

Abrangência das Teorias Semióticas: as teorias semióticas utilizadas, embora robustas, podem não ser suficientes para capturar todas as nuances da narrativa cinematográfica. A inclusão de outras abordagens teóricas, como a análise psicanalítica ou a crítica cultural, poderia complementar a compreensão dos signos e símbolos.

Contexto Cultural: a interpretação dos signos pode variar significativamente entre diferentes culturas. Este estudo baseia-se em uma perspectiva cultural específica, e os mesmos signos podem ser interpretados de forma diferente em outras culturas. Isso limita a generalização dos resultados para um contexto global.

Limitações Metodológicas: a metodologia aplicada, apesar de rigorosa, tem suas limitações. A análise qualitativa depende da profundidade e da precisão da observação e interpretação do pesquisador, e pequenas nuances podem ser negligenciadas.

Sugestões para Pesquisas Futuras:

- Incluir uma análise comparativa com outras obras cinematográficas para verificar a consistência dos signos e símbolos analisados.
- Incorporar múltiplos analistas para reduzir a subjetividade e oferecer uma perspectiva mais equilibrada.
- Explorar a interpretação dos signos em diferentes contextos culturais para uma visão mais abrangente.
- Utilizar abordagens teóricas complementares para enriquecer a análise semiótica e fornecer uma compreensão mais completa da narrativa cinematográfica.

Ciência & Tecnologia
Fatec-JB
ISSN: 2178-9436

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia.** São Paulo: Cultrix, 1964.

BRENNAND, Edna Gusmão de Góes; BRENNAND, Eládio José de Góes. Cognição e redes abertas: a informação interativa como coração dos sistemas inteligentes. **Ciência & Cognição.** V. 10, P. 54-64. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28152637_Cognicao_e_redes_abertas_a_informacao_interativa_como_coracao_dos_sistemas_inteligentes. Acesso em: 06 jun. 2024

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

METZ, Christian. **O significante imaginário.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

PEIRCE, Charles Sanders. **Sobre a natureza dos signos**. Cambridge: Harvard University Press, 1872.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s).** VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009. Disponível em: https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

RABELO, Thiago da Silva; SANTOS, Lorrayne Caroline dos; BORGES, Rosana Maria Ribeiro. A Análise Fílmica como Metodologia de Comunicação: Uma Reflexão a Partir do Pensamento Complexo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia,** 2019. Disponível em: /https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0211-1.pdf Acesso em: 23 mai. 2024.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2003.

TITANIC. Direção: James Cameron. Produção: James Cameron e John Landau. EUA: **Twentieth Century Fox**; **Paramount Pictures**, 1997. 2 DVDs (194 min.), color.